

comporta mal, ao mesmo tempo impõe a sua autoridade e a sua lei. Exerce domínio, exige uma correção, sobre o filho que a coloca num patamar de autoridade sobre o filho que a coloca num patamar de autoridade e de poder distintos. Não tolerar tudo o que o filho faz contribui para delimitar o seu lugar, que não é de uma criança da mesma idade mas sim de alguém que é autoridade. E quão importante é ver a mãe como mãe (e não como amiga) para que o bebé e a criança pequena possam ver, mais tarde, a professora como professora, o treinador como treinador, o patrão como patrão...

NÃO ESQUECER

Como nos disse Winnicott acerca do desenvolvimento da criança, o que realmente importa numa mãe, mais do que ser perfeita, é que se revele “suficientemente boa” para o seu bebé. Ser “suficientemente boa”, para o autor, é ser capaz de amar, de lhe permitir a ilusão de que pode ser ativo e interferir na realidade conforme quer, de tolerar as angústias e impulsos do filho mas, também, é ser capaz de lhe mostrar que nem tudo pode ser como ele quer (mas que pode tentar fazê-lo).

A mãe deve possibilitar a exploração do mundo ao bebé, dar-lhe o espaço e o tempo necessários para tocar e sentir objetos, para realizar atividades e brincadeiras, permitindo uma certa sensação de onipotência, como se o mundo fosse sempre “a seu jeito”, criado por si. Contudo, o bebé também deve prever que “(...) a qualquer altura, o rosto da mãe poderá mudar e o humor dela vai dominar; as minhas necessidades pessoais devem ser afastadas pois, de outra forma, o meu self pode ser afrontado” (Winnicott).

PRÓXIMO TEMA:
“GOSTO DE TI”



243 660 097 / 934 010 534



cafapcoruche@caritascoruche.pt



Largo de Valadares, 1 - 2100-112 Coruche



Sílvia Caraça (Assistente Social/Coordenadora)

Gonçalo Coelho Arromba (Psicólogo Clínico)

Ana Miriam Barradas (Psicóloga Clínica)

Isabel Miranda (Psicóloga Clínica)

 **INOVA CÁRITAS CORUCHE**

WWW.CARITASCORUCHE.PT

APOIO NA REPRODUÇÃO



cafap

CENTRO DE APOIO FAMILIAR E
ACONSELHAMENTO PARENTAL

QUANDO A MÃE SE ZANGA



94 COLEÇÃO
DESENVOLVIMENTO

SETEMBRO - OUTUBRO 2018

Em dados momentos da história, em áreas como a psicologia e a pediatria, o conhecimento teórico tendia a considerar a mãe como a grande responsável pelos mais diversos problemas que aconteciam com os filhos. A natureza e a cultura, quase universalmente, apontavam a mãe como a principal (e, muitas vezes, exclusiva) cuidadora dos filhos, pelo que, visto desta perspectiva, não era surpreendente tamanha atribuição de responsabilidade às mães. Nestes termos, as mães assumiam com orgulho a tarefa de cuidar e amar os seus filhos. Por serem as principais cuidadoras dos seus bebés, por terem (quase) toda a responsabilidade "em ombros", foram aprimorando e desenvolvendo os seus dotes maternos. Aparecem então mães angelicais, encantadoras e meigas, como seres quase acima do comum dos humanos, figuras de amparo e fontes de amor incomensurável. Habitúamo-nos a vê-las como onnipresentes, disponíveis e dedicadas aos seus filhos.

Esta imagem de mãe nem sempre foi, nem é, compatível com a ideia de que a mãe também tem os seus limites de disponibilidade, também está condicionada por outras vivências da vida enquanto mulher, esposa, profissional e outras funções/papéis que assume na vida.

Nem sempre (ou quase nunca) a mãe é capaz de responder a uma mãe perfeita e, o que é facto, é que as mães também se zangam e têm momentos em que "perdem a cabeça"! Seja por o filho entornar o sumo no sofá, por lhe levantar a mão e fazer "cara feia", por mexer no que já sabe que não pode mexer, por mandar a comida que tem na boca fora ou por bater no amiguinho lá na escola, enfim... há inevitavelmente momentos em que a bondade, a paciência e a compreensão de uma mãe são postas à prova e, por vezes, saem derrotadas!

Mas, o que pode acontecer na vida psicológica do filho ainda pequeno, assim como na sua relação com a mãe, quando esta se zanga? Não comentamos se será certo ou errado tal momento de tensão acontecer, nem se a mãe deve ou não deve zangar-se com o seu filho. Certo é que esses momentos acontecem e são vividos intensamente pela criança e pela mãe, podendo levar a várias transformações e aquisições.

QUE BEM PODE TRAZER UMA ZANGA DA MÃE?

• Criança passa a entender que tem uma vivência separada e independente da mãe

Mãe e filho não são um só ser, nem a mãe é um mero prolongamento do filho. Falar de mães que funcionam como um prolongamento do filho é como falar de mães que mais parecem serviçais ou empregadas dos filhos. Ao zangar-se, a mãe deixa o filho confrontado com a existência de uma separação e de uma diferença entre eles.

A reação do filho envolverá algumas "dores" - por exemplo, ficar momentaneamente entregue à solidão ou ao desamparo - mas, igualmente, oportunidades necessárias de desenvolvimento. Ver a mãe zangada pode contribuir para o filho entender que as suas vontades e necessidades não são as mesmas da mãe (nem das outras pessoas), que nem sempre há alguém a resolver-lhe os problemas ou a satisfazer-lhe os desejos (essencial para ser autónomo e ativo), que tudo o que faz ou diz pode influenciar a vida de quem o rodeia (e as consequências sobram para ele), entre outras.

• O respeito e o cuidado pela mãe têm mais hipóteses de nascer, ou de ser reforçados

Uma mãe que se zanga, por exemplo, quando o filho se recusa a lavar os dentes e põe a roupa suja no chão, depois de ser avisado a pô-la no cesto, é uma mãe que ganha ares de madrasta da história da Gata Borralheira: má, indisponível e sem carinho. Pois bem, se a mãe se zangou, quando nada o fazia prever (pois a criança, no

seu pedestal, de tão alta que está, nem imaginou que a mãe pudesse ter outra atitude a não ser desculpá-la e sorrir passivamente), então o filho assistiu como que a uma transformação da mãe: de boa para má. É então de esperar que a criança se confronte com novas dúvidas: "mas quem é esta mãe que agora se está a zangar?", "será que perdi a minha verdadeira mãe?", "porque é que já não faz tudo o que quero?" ou "as mães dos contos de fadas não são assim..."

Com efeito, a mãe torna-se mais real e, por transferência, o mesmo começa a acontecer em relação a outras pessoas da sua vida. Mãe mais real, neste caso, implica o filho perceber que a mãe pode ser tanto boa como má, satisfatória como insatisfatória, aceitante como rejeitante, dependendo do momento vivido e da sua própria atitude. Assim, sob risco de a mãe se tornar mais vezes má do que boa, ou mais vezes rejeitante do que aceitante, surge uma novidade: a criança tenta reparar os danos que causou na mãe, comportando-se mais de acordo com o que a mãe deseja, valorizando mais as suas palavras (o que está intimamente ligado ao respeito por ela) e tendo atenção ao seu estado emocional.

• Mais mãe que amiga

Há quem diga que as mães são as melhores amigas dos filhos. Para avaliar se assim é deveríamos listar as características de uma mãe e de uma amiga mas, não sendo o objetivo aqui, dizemos que entre ser mãe ou ser amiga, é preferível a primeira delas para o filho. A mãe, por norma, é a pessoa mais importante para o bebé, para o filho, com funções únicas e praticamente insubstituíveis na vida dele, enquanto amizades poderão fazer várias ao longo da vida, piores ou melhores, mais ou menos duráveis.

Por isso, quando a mãe se zanga com o filho que se